

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Reflexões sobre fontes orais: desconstrução do depoimento *Na periferia da História*
de Jorge Oscar de Mello Flores**

Hernán Ramírez

Essa comunicação surge como conclusão de um exercício intelectual de desconstrução de um depoimento, o qual nos serviu para realizar uma reflexão mais ampla acerca dos desafios de trabalhar com fontes orais, as que freqüentemente são banalizadas por alguns cientistas sociais, que muitas vezes com escassas observações as publicam como a “verdade” dos fatos e seguidamente são adotadas como fontes pelo autor ou por outros historiadores, sem a realização de uma crítica heurística mais rigorosa¹. No caso, tomamos do livro *Na periferia da História*, que recolhe o depoimento prestado por Jorge Oscar de Mello Flores ao CPDOC da FGV, partes do capítulo 6, intitulado “Ibad e Ipes – o empresariado se organiza”².

Advertimos que, por questões de espaço a confrontação heurística ficou de fora, apenas observamos que o depoimento foi confrontado, na medida do possível, triplamente: com outras fontes, com outros testemunhos e com as diversas fases do próprio discurso, o que nos permitiu indagar entre o dito e o não dito, ou o dito de outra forma, procurando achar significados-chave do relato que realiza o entrevistado, e como são organizados, interpretados e relacionados cada um dos temas que surgem na reconstrução de sua participação nos acontecimentos históricos³.

Em primeiro lugar, a falta de ressalvas dos autores na transcrição do depoimento contrasta com o intenso debate promovido pelos pesquisadores que se ocupam das elites como fontes orais, especialmente acerca da forma de trabalhar sobre os construtores da história oficial e do perigo de reproduzir a versão dos vencedores. Mais do que a importância dessa abordagem para reconstituir os fatos, através da possibilidade de ampliação ou

¹ O livro referido conta com um prefácio de Roberto Campos, participante ativo do IPÊS e figura destacada durante a ditadura militar, seguida de uma apresentação realizada pela companhia Sul América Seguros, da qual Mello Flores teve participação relevante e que foi um dos pontais financeiros do IPÊS, na que se expressa: “Para um país que busca resgatar sua **história**, construindo uma memória **isenta, sem distorções**, *Na periferia da História* é um importante documento”, e, finalmente, uma Introdução, na que os entrevistadores assinalam: “... este livro contém, provavelmente, a **confissão mais sincera** sobre a criação, no início dos anos 60, do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ipes)”. Negritos do autor.

² Jorge Oscar de Mello Flores, *Na periferia da história*. Maria Celina Soares d’Araujo, Ignez Cordeiro de Faria e Lucia Hippólito, (org), Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000, pp. 149-175.

³ Phillippe Joutard, “El tratamiento del documento Oral”, *Debats*. Valencia, nº 10, 1984, pp. 72-84 e *Ces voix qui nous viennent du passe*, Paris, Hachette, 1983.

complementação dos documentos escritos⁴, as reflexões apontam para pensar seu sentido como uma metodologia que permitiria elucidar as representações que são construídas, como mediação simbólica e elaboração de sentidos, o que em definitivo justificaria sua validade⁵.

No entanto, essa inquietude surge em sentido contrário à origem da História Oral, que esteve inicialmente vinculada com a idéia de incorporar à análise social a palavra do “outro”, do marginado, dos grupos “não hegemônicos”, excluídos da história oficial⁶. Assim, diferentemente destes, indivíduos como o entrevistado dispõem de recursos para contar seus passos pela história e por isso a singularidade de realizar estudos das classes dirigentes radica mais na análise do próprio discurso sobre essa passagem, que por ocupar um lugar privilegiado na estrutura do poder tende geralmente a legitimar a ordem estabelecida.

Para responder a tal desafio estaremos atentos tanto ao que o entrevistado diz, ao como se diz e ao significado do que se diz. Dessa forma, questionamos seu discurso, explorando suas contradições inerentes, descobrindo suas raízes sociais, em síntese, desmitificando-o, tarefa que na situação de entrevista é colocada de forma desencarnada, a flor-da-pele, já que sua condição existencial é a relação intersubjetiva que ela põe em jogo. Não obstante, a incorporação do “subjeto” como objeto de estudo não significa que abandonaremos as regras da abordagem científica, a confrontação das fontes e a análise crítica.

Como em quase todos os relatos autobiográficos, os membros da elite constroem uma imagem pública de si mesmos, para ser apresentada diante dos outros e, desde ali, colocam-se como protagonistas do relato, narrando e impondo seus pontos de vista, já que eles sabem que, apesar de falar ao entrevistador, em última instância, falam, por seu intermédio, à história, circunstância que pode conter ou, ao contrário, estimular sua verve⁷.

Embora isso aconteça com qualquer pessoa, trabalhar com eles, e principalmente com políticos, nos apresenta um problema adicional, pelo qual deveremos ser mais precavidos, visto que como se encontram acostumados a dialogar e a se expor ao julgamento público estão em melhores condições para desenvolver uma reflexão articulada sobre suas próprias vidas e experiências. Assim, geralmente, os membros das elites sabem inibir sua livre

⁴ Inclusive, muitos duvidam da seriedade de considerar essas fontes como evidência e descrêem de sua utilidade quando é abordado um episódio em que não falta documentação escrita. Paul Thompson, *A Voz do Passado: História Oral*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

⁵ Graciela de Garay, “La historia oral de las elites”, Graciela de Garay, (comp.), *La historia con micrófono*. México, Instituto Mora, 1994; Michael Pollack, “Memoria e identidade social”, *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, pp. 201-215; e Alessandro Portelli, “O que faz a história oral diferente”, *Projeto História*, São Paulo, PUC/SP, nº 14, fevereiro de 1997, pp. 25-39.

⁶ Alessandro Portelli, “O que faz a história oral diferente”, op. cit.

⁷ Dominique Aron-Schnapper e Danièle Hanet, “D’Herodote au magnétophone: sources orales et archives orales”, *Annales ESC*, 1980, v. 35, nº 1, pp. 183-199, p. 188.

expressão, convertendo a declaração e o discurso em um instrumento ideológico e de poder na arena política. Nesses casos, o silêncio e a discricção são a regra, quanto mais destacados e politicamente ativos forem os atores, mais conscientes serão também do risco de conceder informações sobre seu próprio desempenho ou de seus pares⁸.

Por isso, trabalhar com esse tipo de indivíduos constitui um grande desafio porque, apesar da importância do papel que lhe cabe ao entrevistado, as fontes orais estão longe de ser um produto elaborado apenas por um único ator. Elas são resultado de uma atividade conjunta, entre entrevistado e entrevistador, organizadas a partir da inter-relação das partes envolvidas, que as sustentam nas suas próprias perspectivas históricas e formas de construir as narrações.

Esta, como toda relação social, é uma relação entre desiguais, entre dois indivíduos socialmente definidos⁹, que, além disso, também operam teleologias diferentes. Enquanto o entrevistador/historiador procura responder aos problemas da história com a rigorosidade do método, o entrevistado procura narrar seu relato, contar sua própria história, sem responder demasiado a essa preocupação. Portanto, a fluidez das lembranças, os silêncios e os desvios serão produtos dessa interação, sendo possível afirmar que como co-participes elaboraram um produto perpassado pelas suas próprias subjetividades.

Dessa forma, durante a entrevista se produz uma sorte de tensão entre o entrevistado e o entrevistador, estabelecendo uma interação entre ambos, que resulta na construção de um relato, no qual cada parte implicada possui uma determinada maneira de ver o mundo, que privilegia determinados interesses sobre outros. Assim, a entrevista de história oral se define como uma circunstância de conflito potencial, na qual ambas as partes, por meio de diferentes estratégias, cooperam em uma situação controversa¹⁰.

Podemos afirmar, então, que as narrações estão profundamente enraizadas nas ideologias e, como estas, representam as formas como determinadas classes, facções e interesses enxergam o mundo. Dali é que podem existir conflitos entre diferentes interpretações, transformando o cenário da entrevista em uma arena para o questionamento da interpretação da práxis política da história. Essas visões conflituosas podem ser deduzidas das conversações ocultas que se travam na entrevista entre o entrevistador, o entrevistado e o resto do mundo, ou seja, os futuros usuários ou leitores da entrevista.

⁸ Aspásia Camargo, “Os usos da História Oral e da História de Vida: Trabalhando com Elites Políticas”, *Dados*, v. 27, nº 1, 1984, pp. 5-28, especialmente p. 14.

⁹ Dominique Aron-Schnapper e Danièle Hanet, “D’Herodote au magnétophone...”, op. cit., pp. 180 e 187.

¹⁰ Ronald Grele, “La História y sus lenguajes na entrevista de historia oral: quien contesta a las preguntas de quién y por qué”, *Revista Historia y Fuente Oral*, nº 5, 1991.

Desse modo, o risco de ser contradito na forma como o indivíduo vê sua vida¹¹ pode desatar uma luta pelo controle da entrevista e, por conseguinte, da interpretação. Assim, Mello Flores inicia vários trechos com expressões como: “Errado de novo”, “Discordo inteiramente”, “Essa afirmação é totalmente falsa” e “mas essa história do armamento [...] era tudo falso”, que dão conta de que o entrevistado assume ou se coloca em uma posição de dominação, segundo uma determinada estrutura de relações sociais de poder¹², oferecendo o testemunho como revelador da verdade. Nesse sentido, devemos mencionar, também, que além de sua elevada posição social, no momento de dar o depoimento, o entrevistado ocupava a vice-presidência da FGV, à qual pertenciam os entrevistadores, e uma das empresas que ele comandara patrocinava a edição do volume.

Embora a entrevista trate do passado, ela ocorre no presente. Dessa forma, a colocação do indivíduo como protagonista do relato resulta em uma construção *a posteriori*, retrospectiva¹³, na qual poderá operar sobre sua identidade de forma ativa, inclusive ocultando e camuflando seus pontos obscuros. Nesse discurso autobiográfico, é o narrador quem nomeia, adjetiva, interpreta e explica, movendo-se com discrição no tempo e no espaço de sua vida, dando-lhe sentido e coerência, construindo e justificando uma identidade de si mesmo, limitado apenas pela auto-censura. Desde essa lógica, é possível compreender os esquecimentos, os vazios, as resistências, as ambigüidades, as divergências, as contradições e as obsessões, em um processo no qual se conjugam a memória privada e a memória pública¹⁴.

A memória, como produtora de representações, revela mentalidades, valores, idéias e prejuízos, que são produtos do contexto em que interage o ator. Desse modo, antes que um depósito passivo de fatos é um processo ativo de criação de significados¹⁵. No entanto, seja, em rigor, uma reflexão sobre a atualidade, ela está composta por uma seleção de fatos do passado que resultam significativos no presente e, por isso, sempre é uma obra em

¹¹ Dominique Aron-Schnapper e Danièle Hanet, “D’Herodote au magnétophone...”, op. cit., pp. 183-199.

¹² Mirta Zaida Lobato, “Voces subalternas de la memoria”, Revista *Mora*, nº 7, Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género, FFyL, UBA, 2001.

¹³ Alistair Thompson, “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias”, *Projeto História*, São Paulo, PUC/SP, nº 15 abril de 1997, pp. 51-84, p. 57; e Paul Thompson, *A Voz do Passado...*, op. cit.

¹⁴ Carlos Piña, “Sobre la naturaleza del discurso biográfico”, *Cuadernos del Claeh*, Revista Uruguaya de Ciencias Sociales, nº 53, 1990-91, pp. 50-51 e 59; Alicia Servetto, “Qué y como responde la clase dirigente: Riesgos, limitaciones y posibilidades de la utilización de la historia oral para reconstituir la historia política”, *Actas de las X Jornadas Interescuelas Departamentos de Historia*. Rosario, Universidad Nacional de Rosario, 2005, p. 5 e José Carlos Sebe Bom Meihy, “Palavras do editor”, *História Oral*, nº 1, jun 1988, pp. 7-9.

¹⁵ Graciela de Garay, “Recordando a las elites: un problema metodológico para la historia oral”, Graciela de Garay e César Tcach, (comps.), *Temas de la historia oral en dos naciones de América Latina: Argentina y México. Representación, memoria e identidad*, México, Edición Electrónica del Instituto Mora de México y del Centro de Estudios Avanzados de la Universidad Nacional de Córdoba, 2003 e Alicia Servetto, “Qué y como responde la clase dirigente...”, op. cit., p. 8.

processo, de tal forma que esse exercício vai mudando, atua desde o presente e se ordena retrospectivamente, embora não sempre de forma cronológica, podendo voltar frequentemente a um número restrito de acontecimentos ou errar no ordenamento dos fatos¹⁶, como efetivamente acontecera na lembrança sobre a criação do IPÊS.

Dessa forma, a entrevista é uma situação extraordinária que concede ao informante a oportunidade de desenvolver seus próprios pensamentos e idéias, porém o obriga a fazer uma narração ordenada para criar sentido e compreensão. Essa ocasião permite-lhe revisar sua história desde um determinado tempo presente e em um determinado contexto, cujos sentidos, significados e representações sondaremos interpretando esse discurso individual conjuntamente com o discurso social que o subjaz, que adquire significado em relação à totalidade da qual formam parte¹⁷.

A memória não é um simples relato linear, ela está estruturada, com hierarquias e classificações, que lhe imprimem certa coerência ou enquadramento, estabelecendo laços lógicos entre acontecimentos-chave. A história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência, mediante um processo de seleção, no qual algumas narrativas são descartadas e outras, sintetizadas, reestruturadas e estereotipadas¹⁸.

Essa história pessoal está entrelaçada com um contexto histórico específico, de mutação social, econômica, política e cultural, que tampouco é linear e que igualmente poderá se apresentar como contraditório, obrigando ao sujeito a sucessivas adaptações, que lhe demandarão, talvez, diferentes formas de articular sua memória, colorindo e até mudando os relatos públicos sobre o passado¹⁹.

Assim, esse processo requererá do narrador um esforço para buscar sentido ao passado e dar forma a sua vida, colocando a entrevista e a narração em seu contexto pessoal e histórico de um modo que possam conviver. Portanto, a memória não dependerá apenas da capacidade de compreensão do indivíduo, mas também de seu interesse e necessidade social nesse momento²⁰.

Nesse sentido, a entrevista se realiza no presente, democrático, momento no qual Mello Flores se insere como uma autoridade da FGV, instituição de grande credibilidade. No

¹⁶ Michael Pollack, “Memória, Esquecimento, Silêncio”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989, pp. 3-15; e Paul Thompson, *A Voz do Passado...*, op. cit.

¹⁷ Magnus Berg. “La entrevista como método de produção de conhecimentos”, *Historia y Fuente Oral*, nº 4, 1990. Apud. Alicia Servetto, “Qué y como responde la clase dirigente...”, op. cit., p. 10.

¹⁸ Michael Pollack, “Memória, Esquecimento, Silêncio”, op. cit.; e Paul Thompson, *A Voz do Passado...*, op. cit., p. 189.

¹⁹ Alistair Thompson, “Recompondo a memória...”, op. cit.; e, Freddy Raphaël, “Le travail de la memoire et les limites de l’histoire orale”, *Annales ESC*, 1980, v. 35, nº 1, especialmente pp. 127-145.

²⁰ Alistair Thompson, “Recompondo a memória...”, op. cit., p. 57; Alessandro Portelli, “O que faz a história oral diferente” op. cit.; e Paul Thompson, *A Voz do Passado...*, op. cit., p. 157.

entanto, sua convocação é para falar do passado, que está associado ao autoritarismo, ao quebre institucional, no qual o entrevistado integrou o IPÊS, entidade que operou atrás dos bastidores para produzir o golpe de 1964, resultando, assim, uma convivência temporal contraditória e traumática, que interfere constantemente no relato.

Contudo, para dar solução a esse conflito o entrevistado pode apelar a brancos da memória ou esquecimentos como condição necessária, presumida ou real, para a manutenção da comunicação com o meio-ambiente. Pensamos o que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de haver sido e ser. Dessa forma, o indivíduo cria uma auto-imagem coerente ou um auto-desenvolvimento lógico, uma carapaça protetora, na qual os eventos são preservados ou olvidados, procedendo a sua reordenação, segundo o papel que desempenhem na criação desse auto-retrato mental²¹.

Assim, certas passagens de sua vida, por demais íntimas, contraditórias, desabonadoras ou perigosas, para que sejam reveladas, são, consciente ou inconscientemente, esquecidas, olvidadas, enterradas. Algumas facetas que também são privadas, dependendo do estado e espírito, podem ser contadas aos mais próximos ou aos mais queridos. Outros aspectos podem ser de domínio público e lembrados com maior facilidade, articulando-se para proporcionar uma memória crível que dê um sentido de identidade assegurado²².

Dessa forma, Mello Flores, recria uma imagem mais amável do IPÊS. Procura diferenciá-lo do IBAD, que arca com todos os ônus, tratando de que não sejam percebidos os nexos e as semelhanças entre os dois; tampouco lembra de acontecimentos ou de figuras comprometedoras, como Drummond e o tenente-coronel Reestel; e também minimiza articulações entre diferentes forças que levariam ao golpe de 1964, entre elas o papel desempenhado pela ADP e a Igreja católica.

No posicionamento interno do IPÊS, Mello Flores mantém o olhar estereotipado acerca das diferenças entre empresários paulistas e cariocas, mas trata de realçar a importância destes durante sua criação e na visão política da entidade, colocando-se inclusive na vanguarda de seus contrerâneos.

Embora seja fato que o ator incorre em erros e omissões ou mesmo mente ao longo da reflexão, ou na reconstituição de eventos, é também verdade que dificilmente ele é capaz de recriar a realidade com um discurso insistentemente falso e sem brechas, já que as histórias de vida raramente conseguem proporcionar um domínio completo e satisfatório das

²¹ Michael Pollack, “Memória, Esquecimento, Silêncio”, op. cit.; Alistair Thompson, “Recompondo a memória...”, op. cit.; e Paul Thompson, *A Voz do Passado...*, op. cit., p. 275.

²² Paul Thompson, *A Voz do Passado...*, op. cit.; Jan Vansina, *Oral tradition as history*, Madison, University of Wisconsin Press, 1985, p. 8; e Michael Pollack, “Memória, Esquecimento, Silêncio”, op. cit.

ameaçadoras experiências do passado, estabelecendo um equilíbrio precário, com um sem-número de contradições e tensões. Assim, a tentativa de compor um passado harmônico não é inteiramente bem-sucedida, e nunca será plenamente alcançada, sendo o resultado final fragmentado e contraditório²³.

Como amostra disso, o discurso de Mello Flores contém inúmeras incongruências. Se por um lado o IPÊS tinha tudo às claras, as doações extras corriam por fora e seu presidente atuou corretamente ao esconder dados exigidos pela CPI. Ainda que negue a ingerência estrangeira, ela é admitida relatando um caso. No entanto proclame a total homogeneidade de sua cúpula, os relatos das diferenças entre seus dirigentes pipocam obsessivamente. Por fim, resulta pouco convincente sua explicação de que não tinha nada a ver com o IBAD, cujo presidente lhe confiava sua direção nos momentos que se ausentava e alguns dinheirinhos.

Depois de pensar em tudo isso e de haver realizando uma sisuda crítica heurística estaremos em condições de fazer um balanço sobre a utilidade do depoimento como fonte, para conhecer melhor os fatos ou compreender seu contexto, e se realmente o esforço que tal trabalho implica é finalmente recompensado.

²³ Aspásia Camargo, “Os usos da História Oral e da História de Vida...”, op. cit., p. 16; Michael Pollack, “Memória, Esquecimento, Silêncio”, op. cit.; e Alistair Thompson, “Recompondo a memória...”, op. cit.